

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 36

2019

Nº 227

JULHO - AGOSTO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
Rua das Pedralvas, nº. 2-A 1500-487 Lisboa Telefone : 217 647 441	Editorial	2
	Recordando Allan Kardec	7
	Conhecer Jesus é fácil	9
	Confissão (Poema)	13
	Uma partida de xadrez...	14
	Um médium chamado Gandhi	26
	Maus Obreiros	31

*

Director Responsável :
Manuela Vasconcelos

*

Distribuição Gratuita

*

*

EDITORIAL

Este é um ‘Editorial’ diferente: vai ser escrito na primeira pessoa.

Escrevendo na primeira pessoa, vou começar por dizer que gosto de ser idosa, não porque esse estatuto ‘exija’ um respeito maior por mim àqueles que me rodeiam, mas pelo que representa a minha idade. (Em relação ao respeito, eu penso que nos devemos respeitar sempre uns aos outros, seja qual for a idade de cada um e a posição civil perante a sociedade; e ainda porque é uma maneira de mostrarmos a nossa educação; para além disso, também aprendemos com Kardec que “a nossa liberdade termina precisamente no limite onde começa a do nosso próximo” – e quem fala em liberdade fala também em respeito.

Ainda em relação à idade lembro-me que, quando estudei, aí pelos meus 12, 13, 14 anos, eu e as minhas colegas referíamos a possibilidade de chegarmos aos 50 anos como se essa marca significasse que éramos Matusalém! Onde vão, hoje, esses 50 anos!!!

Mas gosto da minha idade e do que ela representa do ‘histórico mundial’: lembro-me de ser do tempo das máquinas fotográficas kodak, de caixote, tal como as referíamos, e da fotografia a preto e branco. Quando apareceram as primeiras, a cores, que festa e com que entusiasmo as mostrávamos uns aos outros!

Lembro-me dos aviões que já existiam quando nasci, bojudos, pesadões – aqueles que hoje são chamados de cargueiros

mas que, nessa época, eram um luxo para quem neles podia viajar... e foi com eles que se combateu na 2ª grande guerra, terminada em 1945!

Que desenvolvimento e que ‘descobertas’, desde então! A começar pelos próprios aviões, que se foram aperfeiçoando em motores e linhas elegantes, cada país como que se sentindo incentivado pelo que o outro ia descobrindo e apresentando ao mundo... Os que menos duraram, na sua época áurea foram os ‘concorde’, com um traço e tamanho completamente diferentes de todos os outros...

Lembro-me das bicicletas, dos automóveis... Hoje olhamos os carros do início do século passado como peças de museu, que os seus possuidores trazem à rua apenas em dias de desfile; comparados com os bólides de hoje, que lentos que eram: nem pareciam que as rodas eram redondas!, mas marcaram a sua época e a sua posição – e as chapas de que eram revestidas as partes mecânicas eram bem mais fortes e resistentes que as dos carros de hoje, que qualquer criança consegue amachucar se empregar um pouco mais de força!

E os navios? Hoje, conhece-se um ou outro, empregue em cruzeiros, mas também foram eles, levando no seu bojo milhares de criaturas, que fizeram o mundo mais pequeno, tocando e ligando os portos e cidades dos diversos países. E como era divertida cada viagem que se fazia, e como se ansiava sempre, também, pela próxima paragem, para se ir a terra desenferrujar de todos aqueles dias em que se tinha estado apenas entre o céu e a água, que as viagens eram demoradas, acabando sempre por se ansiar que chegasse o fim da mesmas.

E foram-nos chegando novas descobertas, não só científicas como tecnológicas: as científicas deram-nos a descoberta de diversas doenças, a começar pela tuberculose... hoje, vão-se vencendo alguns cancros, parou-se com a explosão da Sida, e vai-se avançando sempre mais a combater os micróbios disto e daquilo... e as pessoas que, antigamente, com algum custo, sacrifício e dores, chegavam aos 50, 60 anos, hoje vão-se aproximando cada vez mais dos 100 – graças à qualidade de vida, alimentação, saúde, apoio técnico e medicamentoso.

E apareceu o metro, o comboio subterrâneo ou aéreo, que vai encurtando distancias citadinas...e a TV, primeiro também a preto e branco e depois a cores... e o cinema, que quando nasci já tinha deixado de ser mudo, mas que com o passar dos anos apareceu com outro perfeccionismo, trazendo-nos os bons e os maus actores, mas dando-nos sempre umas horas de distração. Depois, de repente, como um passe de mágica, a internet – a completar o serviço informático que já tinha chegado até nós através dos pc's: se já deixáramos de ter arquivos tão volumosos, porque nas pastas dos pc's íamos arquivando o que necessitavamos guardar, com a internet podíamos navegar, como qualquer internauta, para qualquer parte do mundo, que a internet tudo nos facilita – e quando digo tudo, é tudo mesmo porque assim como nos presta bons e relevantes serviços, também tem o seu outro lado que os maus tornam mau, mediante aquilo que pode descortinar em casa e para os olhos de uns e de outros – e as primeiras vitimas são sempre as crianças!

Desde sempre, aprendi – porque assim fui educada – a respeitar sempre cada um, mostrasse-se ele como se mostrasse, afirmasse-se como bem entendesse: assim sendo, respeito e recebo na nossa Casa, os gays dos dois sexos: penso que cada um tem o direito de optar pelo que bem entenda; entretanto, acontece que

por vezes é difícil de respeitar quem não se respeita. Há momentos, com algumas pessoas, em que elas parecem que, mais do que firmarem-se querendo provocar quem as vê ou rodeia – e isto não acho bem, da mesma maneira que não compreendo, apesar de não me faltar inteligência, como é que uma menina ou moço, com 12, 13, 14 anos, já se declara diferente. Ainda não está definido, o organismo físico com que reencarnou ainda não completou a sua gestação: então, como é que podem dizer que são diferentes?! Há aqui qualquer coisa que me supera em muito... Por outro lado, apesar de aceitar cada um como ele se declara, tenho sempre presente as palavras bíblicas do “crescei e multiplicai-vos” e penso que algo muito errado acontece quando o Governo de um qualquer país aprova leis de casamentos para um mesmo sexo, ou quando autoriza que casais nestas condições adoptem crianças que passam automaticamente a ter ou dois pais ou duas mães. Com o exemplo que têm em casa, o que é que elas vão ser no futuro?

Deixei para o fim, neste folhear rápido pelas dezenas de anos que me acompanham, os VIP’S, os considerados VIP’S, a sociedade e a moda: compreendo que a mulher, espiritualmente assexuada, queira imitar o homem na sua evolução: ela tem o mesmo direito de aprender, de estudar, de evoluir... Só não compreendo que, para o fazer, sinta necessidade de se expor, em trajes que muitas vezes mais mostram do que escondem: nas praias, então, não há nenhum recato e parece até, olhando as fotos de algumas revistas, que cada uma prima em se mostrar mais despida que a outra do lado! Desculpem... pode ser que seja da idade... mas penso que um bocadinho mais de pudor não ficaria mal a ninguém!

*

Neste conversar desconversando, não esqueci em nenhum dos momentos em que escrevi, todas as dádivas com que o Senhor nos beneficia diariamente, em tudo o que chega até nós, com tudo o que nos facilita para mais nos impulsionar à conquista da própria evolução: entretanto, olhando o ‘descalabro’ a que levam algumas liberdades – que o não são – pergunto-me o que será necessário fazer para que as reencarnações que nos vão sendo concedidas – e aos nossos filhos e netos – sejam melhores aproveitadas. O egoísmo, referido por Emmanuel e Pascal no “Evangelho segundo o Espiritismo” parece ter-se multiplicado mais e mais e se, por vezes, parece adormecido, logo se manifesta de tal modo que chega a impressionar a maneira como determinadas coisas acontecem.

Por outro lado, gostava que me explicassem, sinceramente que gostava, como é que acolhemos imigrantes e fazemos donativos para os que lá fora passam privações, quando temos tantos compatriotas aqui mesmo, ombreando connosco, vivendo necessidades talvez maiores que as dos imigrantes que acolhemos. Os sem-abrigo portugueses são bem mais que a meia dúzia que muitos julgam!

E estamos quase, quase a entrar em férias: que cada um leve consigo o ‘Evangelho’ para o fazer na localidade onde estacione... mas se se esquecer de o fazer, basta lembrar algumas das palavras de Jesus para ter uma base para se deter e orar:

- Ama o teu próximo como a ti mesmo;
- Não faças aos outros o que não queres que os outros te façam;
- Ama os teus inimigos;
- Sêde perfeito como nosso Pai celestial é perfeito;

- É preciso perdoar não três, não cinco, não sete vezes – mas setenta vezes sete vezes;

- Tudo tem de ser pago até ao último ceutil...

Que palavras e conceitos lindos para se meditar num Evangelho...

... E porque este ‘editorial’ foi escrito na primeira pessoa, não vai assinado pela Direcção, mas pela

MANUELA

*

RECORDANDO ALLAN KARDEC

(Comentários sobre os Messias do Espiritismo)

(Continuação)

2º) Disseram que os messias do Espiritismo, vindo após a sua constituição, apenas secundário seria o seu papel e se perguntaram se este era bem o carácter dos messias. Aquele que Deus encarrega de uma missão pode vir utilmente quando o objecto de sua missão está realizado? Não seria como se o Cristo tivesse vindo depois do estabelecimento do Cristianismo, ou como se o arquitecto encarregado da construção de uma casa chegasse quando esta estivesse construída?

A revelação espírita deveria realizar-se em condições diferentes de suas irmãs mais velhas, porque as condições da Humanidade não são as mesmas. Sem voltar ao que foi dito a respeito dos caracteres desta revelação, lembramos que em vez de ser individual, ela devia ser colectiva e, ao mesmo tempo, produto do ensino dos Espíritos e do trabalho inteligente do homem; não

devia ser localizada, mas fincar raízes simultaneamente em todos os pontos do globo. Esse trabalho realiza-se sob a direcção dos grandes Espíritos, que receberam *missão* de presidir à regeneração da Humanidade. Se não cooperam na obra como encarnados, nem por isso deixam de dirigir os trabalhos como Espíritos, como disso temos provas. Seu papel de messias, portanto, não se apagou, pois que o realizam antes de sua encarnação e não é senão maior. Sua acção, como Espíritos, é mesmo mais eficaz, porque podem estendê-la a toda parte, ao passo que, como encarnados, é necessariamente circunscrita. Hoje eles fazem, como Espíritos, o que o Cristo fazia como homem: ensinam, mas pelas mil vozes da mediunidade; a seguir virão fazer, como homens, o que o Cristo não pode fazer: instalar sua doutrina.

A instalação de uma doutrina chamada a regenerar o mundo não pode ser obra de um dia, e a vida de um homem não bastaria para isto. Primeiro é preciso elaborar os princípios ou, se se quiser, confeccionar o instrumento; depois limpar o terreno dos obstáculos e lançar os primeiros fundamentos. Que fariam esses Espíritos na Terra durante o trabalho, de certo modo material, de limpeza? Sua vida se consumiria nessa luta. Assim, eles virão mais utilmente quando a obra estiver elaborada e o terreno preparado; a eles, então, incumbirá pôr a última demão ao edifício e o consolidar; numa palavra, fazer frutificar a árvore que tiver sido plantada. Mas, enquanto esperam, não estão inactivos: dirigem os trabalhadores. A encarnação não será, pois, senão uma fase de sua missão. Só o Espiritismo podia fazer compreender a cooperação dos Espíritos da erraticidade numa obra terrestre.

(Continua)

(Revista Espírita – Março de 1868, 1º cap. Ed. FEB/FEP, 2018).

CONHECER JESUS É FÁCIL;

ENCONTRÁ-LO É DIFERENTE!...

*“Vivo, não mais eu, mas Cristo
Vive em mim.” – Paulo (Gálatas, 2:20).*

Chico Xavier encontrou Jesus, depois de conhecê-LO... Não poucas criaturas O conhecem mas, dentre essas, raríssimas O encontraram.

Para conhecer Jesus é muito fácil: basta, por exemplo, compulsar, displicentemente, as páginas neotestamentárias.

Para conhecer Jesus, é suficiente assistir a uma cerimônia de qualquer culto religioso-cristão. Para conhecer Jesus, é só estar presente durante uma conferência evangélico-doutrinária nas Casas Espíritas.

Para conhecer Jesus, outra coisa não se faz mister senão dirigirmos o olhar para as inúmeras gravuras e esculturas que O retratam.

Se não houver ouvidos moucos, podemos conhecer Jesus ouvindo falar d’Ele em qualquer lugar.

Os doze apóstolos conheceram Jesus de perto, pois com Ele conviveram durante três longos anos, mas – paradoxalmente – só O encontraram depois da Sua transferência para o Seu Jardim de Estrelas nas imagináveis profundezas do Espaço Infinito.

Paulo de Tarso O encontrou sem tê-IO adredemente conhecido... O mesmo se deu com o publicano Zaqueu e com a ex-obsidiada Maria de Magdala.

No livro “Setenta vezes sete”, do nosso querido e saudoso confrade Richard Simonetti, no capítulo intitulado “O publicano atribulado”, podemos observar a superlativa diferença entre ‘conhecer’ Jesus e ‘encontrá-IO’. Trata-se - segundo Simonetti – “(...) de um despertar, a iluminação a que se referem os mestres indús, aquele momento solene em que percebemos, em plenitude, o significado de Suas lições e nos dispomos a mudar os rumos da existência”.

Trata-se, segundo entendemos, do momento em que descobrimos e passamos a trilhar o nosso “caminho de Damasco”.

“De repente – continua Simonetti – sentimentos envolvendo ambições, riqueza, conforto e poder perdem a graça, interesses imediatistas, vícios e paixões deixam de nos motivar; a agressividade, irritabilidade, ressentimento e rancor são eliminados, no dicionário de nossas emoções; angústias, tristezas, pessimismo e desânimo não encontram mais guarida em nosso coração... Quando tudo isto acontecer, teremos, finalmente, encontrado Jesus, algo programado pelos Céus desde tempos imemoriais, quando ensaiávamos a razão, egressos da animalidade instintiva”.

Nesse instante, passamos a assenhorear a maior e única felicidade real (*Kardec, A. ‘O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V, item 23 – FEB*) que podemos usufruir neste nosso Orbe de provas e expiações, **a paz do coração**. Teremos encontrado Jesus quando ancorarmos nossos pensamentos, palavras e actos no porto

seguro de Seus divinos ensinamentos, elegendo como Lei Maior o Amor a Deus e ao próximo.

Teremos encontrado Jesus no nosso ‘caminho de Damasco’, quando, segundo ensina (*Kardec, A. ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’ – cap. XVII, item 3 – FEB*) o ínclito Codificador do Espiritismo, cumprirmos a Lei de Justiça, de Amor e Caridade, na sua maior pureza. Nós O teremos encontrado no momento em que interrogarmos a nossa consciência e não localizarmos ali nenhum registo de defecções, indiferença, mágoas e ódios mordentes.

Enfim, teremos encontrado Jesus quando depositarmos fé em Deus, na Sua bondade, na Sua justiça e na Sua sabedoria; quando não colocarmos os transitórios ouropéis temporais acima dos imperecíveis tesouros espirituais; quando enfrentarmos, sem murmurar, todas as decepções, reconhecendo-as como provas e expiações, quando encontrarmos satisfação e ufania nos benefícios que esparzirmos; quando tivermos possuídos do sentimento de Caridade e de amor ao próximo e, sem reservas, fizermos o bem pelo bem, sem esperar paga alguma; quando retribuirmos o mal com o bem e tomarmos a defesa do fraco contra o forte; quando sacrificarmos os próprios interesses à justiça; quando encontrarmos satisfação nos benefícios que espalharmos; quando fizermos ditosos os outros; quando prodigalizarmos consolações aos aflitos; quando o nosso primeiro impulso for direccionado no sentido de auxiliar o próximo em detrimento de nós mesmos; quando em todas as circunstâncias, tomarmos por guia a Caridade que de desdobra (*Kardec, A. ‘O Livro dos Espíritos’, q. 886*) na “Benevolência para com todos, na indulgência para com as imperfeições dos outros e no incondicional perdão das ofensas”; quando não alimentarmos ódio, nem rancor e tão pouco desejo de vingança; quando não colocarmos ‘lenha’ na fogueira da

maledicência; quando estudarmos as próprias imperfeições, dando-lhes ferrenho combate; quando não abusarmos dos talentos colocados à nossa disposição, compreendendo que eles não passam de depósitos creditados em nossa economia espiritual pela misericórdia divina a fim de promovermos a nossa edificação e a do próximo; quando, a exemplo do bom samaritano, deixarmos transbordar de nosso coração a compaixão pelos filhos do calvário, vestindo os desnudos, alimentando os famintos, visitando os encarcerados, curando os enfermos, ofertando água ao sedento, comida aos famintos e abrigando o estrangeiro; quando deixarmos de erguer as mãos em insulsaslouvaminhas e as baixarmos para acariciar uma criança desamparada, um velho abandonado no asilo pela própria família, um desvalido da via pública...

Aí, sim, poderemos dizer em alto e bom som: **encontrei Jesus!...** e, à semelhança do Singular Vidente de Damasco (*Paulo de Tarso em carta aos Gálatas, 2:20*) exclamar com unção: “Já não sou mais em quem vive, mas o Cristo que vive em mim”.

Só assim Ele não continuará batendo em vão à porta de nosso coração, cuja tranca só se abre de dentro para fora.

ROGÉRIO COELHO

(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil).

(Transcrito do opúsculo ‘Luz no Caminho’, Informativo doutrinário da Sociedade Murianense de Estudos Espíritas, nº 143, Outubro de 2013).

CONFISSÃO

Procurei-Te, na solidão dos caminhos...
Eu era o viajante sedento
De uma sombra, de água, de alento,
Quase tombado no caminhar
Que ao oásis intenta chegar!
E Tu... no Teu mistério que não entendo
Acenavas, quase não movendo
A mão que de longe estendias,
Enquanto me sorrias!
E foi assim... dia após dia!
Atravessei o mundo, procurando
A paz que não estava lá! Viajando,
Fui perdendo energias...
E Tu sorrias!
Agora, não Te exijo mais honrarias
Nem posições de destaque. Sou outro ser,
A quem a Vida deu nova razão de viver,
E a paz que quero é a da alma,
Na noite dos anos, que prevejo calma...
Procurei-Te, na escuridão dos caminhos
E afinal estiveste sempre tão perto!
E a minha solidão, o meu deserto,
Fui eu apenas que os construí
Enquanto de Ti fugi!
... Procuro-te – finalmente – nas estrelas!
E o sopro do vento, que passa brando,
Traz-me a Tua voz, num suplicando
De Amor que em vão busquei
E só agora achei!
- Do encontro, chegou a hora: para entregar-Te,

Apenas posso dar-Te um coração amargurado,
Tão cansado!,
E aceitar-Te nas palavras de amor que deixaste
E perduram para além do Tempo e da Luz,
- Oh, doce Jesus!
“Vinde a Mim, vós outros que estais cansados...”
... E eu vou, Senhor, eu vou!
Eu vou, Senhor, com Amor!

MANUELA VASCONCELOS

*

UMAS PARTIDAS DE XADREZ... COM UM ESPÍRITO!

Tendo-me pedido a Direcção dos ‘*Cahiers du Spiritisme*’
Que eu relatasse, para os seus leitores, algumas das minhas
experiências mais probatórias que definitivamente me fizeram sair
do meu cepticismo a respeito da possibilidade e da realidade das
comunicações entre os viventes e os defuntos, julgo acertado
lembrar um facto que, embora seja longínquo, nem por isso
diminui todo o seu valor demonstrativo.

Desde o ano de 1922, época em que eu pertencia ao
número dos mais obstinados negadores do “facto espírita”, que eu
procurava apoiar as minhas críticas em experiências pessoais.

Durante bastante tempo o resultado das minhas primeiras tentativas de comunicação com o Além parecia consolidar o meu cepticismo, porque nada obtinha que, em rigor, não pudesse ser explicado pelas hipóteses dos adversários do Espiritismo. Mas o meu desejo de verdadeiras *provas* contraditórias armou-me de paciência e de perseverança, e, com minha grande admiração, em menos de um ano, por meio do aparelho denominado ‘prancheta’, eu cheguei a manter verdadeiras conversações, e até sérias discussões filosóficas, com uma Entidade invisível que se distinguia de todas as outras pelo nexa da sequência e uma inteligência superior no meio de múltiplas manifestações sem interesse probatório, nem dum lado nem doutro, devidas a outras Entidades.

Em 9 de Fevereiro de 1925, dois dos meus amigos, minha mulher e eu, aguardávamos diante da nossa prancheta a comunicação habitual desta interessante Entidade cuja produção já tardava. Foi então que se manifestou um Espírito ainda nosso desconhecido, que nos deu os bons dias., E estabeleceu-se a seguinte conversação:

Pergunta: - Quem é o senhor?

Resposta: - K... A... K... I...

P: - Que nome tão patusco! De que nacionalidade é o senhor?

R: - Eu sou francês. O meu nome pouco importa. O senhor quer um nome: pois vou dar-lhe um pseudónimo.

P: - Conhece ou conheceu alguém, especialmente entre nós?

R: - Não.

P: - Então, que quer?

R: - Abusar do vosso tempo.

P: - Nesse caso, peço-lhe que se retire, porque nós não temos tempo a perder; nós não nos reunimos neste momento para nos divertir, mas para nos instruir.

Neste instante, um dos meus amigos observa-me que talvez não seja conveniente repeli-lo assim... Então, eu desculpo-me e continuo a interrogar:

P: - Podemos fazer qualquer coisa que lhe seja útil ou agradável?

R: - Sim; desejo jogar uma partida de xadrez consigo.

Estupefacto com esta resposta, prossegui:

P: - Mas visto que não nos conhece, porque veio aqui para nos pedir semelhante coisa?

R: - Ao passar... vi um jogo de xadrez.

Efectivamente, naquele dia, enquanto esperava os nossos amigos entretinha-me numa partida de xadrez com meu filho que então tinha 15 anos, e o jogo ficara bem à vista, em cima de um móvel.

Colocámos, então, o tabuleiro em cima da mesa ao lado da prancheta e dispusemos as peças nos seus lugares.

P: - Seja! – disse-lhe eu. Fique com as peças brancas, e comece, peço-lhe.

R: - Avanço duas casas com o pião do Rei.

Executo a jogada anunciada e respondo à manobra. Depois de ter dado saída a um bispo, depois à Rainha, disponho-me a dar

o golpe muito conhecido pelo nome de ‘Golpe do Pastor’. – Resposta: Cavalos do Rei para a frente, de lado.

A minha tentativa, portanto, foi atalhada e a partida assim continuou durante mais de um quarto de hora; todos os meus lances de ataque eram cuidadosamente parados, e o meu adversário passou ao ataque. Apercebi-me, então, que tinha de me haver com um adversário muito superior a mim. Ele estuda os seus lances antes de ditar as respostas, precisamente como o faria um jogador vulgar de carne e osso.

Uma observação muito importante se impõe. Das duas pessoas que têm, cada uma, a mão no cursor da prancheta, minha mulher apenas conhece a marcha das peças por me ter visto jogar com o nosso filho, mas nunca se interessou por este jogo. Quanto ao nosso amigo, esse nem sequer conhece a marcha das peças. De resto, minha mulher não presta nenhuma atenção ao desenvolvimento da partida e contenta-se em seguir com os olhos o cursor da prancheta inconsciente e parcialmente dirigido pela sua mão.

... Mas eu notei que os movimentos do cursor se tornavam cada vez mais lentos, de mais em mais hesitantes, e como a partida de xadrez ameaçava durar assim muitíssimo tempo, propus ao meu invisível parceiro deixar o jogo no estado em que se encontrava para no dia imediato à noite continuar esta interessante partida. Ele respondeu:

R: - Sim. Entendido. Agradeço-lhe. Boa noite.

Naturalmente, no dia seguinte, minha mulher, nosso filho e eu, tínhamos pressa em ver a continuação desta partida. Na ausência dos nossos amigos (as nossas reuniões só se realizavam

uma vez por semana, às segundas-feiras), minha mulher e nosso filho puseram, cada um, uma das mãos no cursor. Decorrido apenas um minuto, o cursor pôs-se em movimento e soletra:

R: - KAKI.

P: - Ah! É o nosso jogador! Muito bem. Aqui está o jogo tal qual o deixámos ontem. A jogada pertence às pretas, e vamos continuar o jogo tranquilamente!

R: - Não! Esta noite não.

P: - E porquê?

R: - Estou muito fatigado. Os meus amigos não querem que eu jogue esta noite.

P: - Está doente? Que é que tem?

R: - Não: eu não estou doente, mas sinto-me exausto por virtude da manifestação de ontem à noite.

P: - Então, quando deseja que continuemos a partida?

R: - Daqui a cinco ou seis dias.

P: - Quer vir no domingo à noite?

R: - Sim! Muito lhe agradeço; V. é muito amável. Boa noite!

I(sto aconteceu numa terça-feira. No domingo, 15 de Fevereiro, depois da nossa refeição da tarde, preparámos o jogo de xadrez, que sempre ficara suspenso, e esperámos junto da prancheta a manifestação da presença do do nosso invisível parceiro... Mas, que decepção!

Passa-se um quarto de hora, meia hora sem que tivesse havido o mínimo movimento do cursor! Perdemos a esperança de obter qualquer comunicação e embora buscássemos uma explicação de tão curioso fenómeno... negativo, depois de sessões tão prometedoras, não a encontrámos. Depois, não nos ocupámos mais disto e não renovámos nenhuma tentativa nos dias seguintes.

Nas nossas reuniões normais das segundas-feiras, em 16 e 23 de Fevereiro e 2 de Março, nenhuma notícia do nosso KAKI.

Durante este tempo, passou-se uma coisa bastante curiosa, sem contudo ter nada de extraordinário: minha mulher, que até ali não se interessava absolutamente nada pelo xadrez, começou a ocupar-se deste jogo com verdadeiro fervor, o que eu atribuía naturalmente ao incidente de 9 de Fevereiro. Muitas vezes minha mulher me pediu que jogasse uma partida com ela. A princípio, por virtude da sua inexperiência, eu restituía-lhe a peça mais importante do jogo: a Rainha. Mas como ela me ganhasse facilmente, passámos a jogar no mesmo pé de igualdade. Foi com estupefacção que vi minha mulher ganhar pelo menos duas partidas numa série de três, quando eu, então, jogava o melhor que podia e sou jogador acima da média dos jogadores vulgares.

Este rápido progresso, ainda que excepcional, nada tem, entretanto, de inverosímil, e, de resto, nós tínhamos, praticamente, esquecido o incidente 'KAKI'. Mas este incidente não devia terminar ali. Que o julguem:

No domingo, 8 de Março, passámos um dia muito fatigante no campo e regressámos à tarde mais mortos que vivos, sobretudo minha mulher. Contudo ela pediu-me, assim que terminámos a nossa refeição, que jogássemos uma partida de xadrez. Objecto-lhe que ela, do que mais precisava, era de repouso, e depois... cedo às suas instâncias. Foi então que ela me ganhou sem dificuldade *três partidas consecutivas* e, ao golpe decisivo, ela mostrava-se *muito surpreendida* ao ver que o lance que acabava de jogar me dava o *cheque-mate*.

Disse-lhe, então, a gracejar:

- É de acreditar que KAKI te deu lições... provavelmente enquanto dormias!

E minha mulher responde-me:

- Eu acreditarei antes que foi ele próprio que me fez jogar sem que eu desse por isso, porque no momento em que dou os melhores golpes, eu não prevejo absolutamente nada as consequências e pergunto a mim mesma porque movi tal peça em vez de qualquer outra. Quando vejo uma das minhas peças em perigo, defendo-a ou desloco-a, mas sem pensar que esta defesa é ao mesmo tempo um ataque que tu qualificas de 'sábio'.

Então, para tirarmos o caso a limpo – que se acaso assim fosse, talvez KAKI estivesse presente e divertindo-se com a nossa estupefacção – antes de guardar o jogo na caixa, eu pousei a tampa na prancheta, pedi à minha mulher que lhe pusesse a mão em cima e convidei a suposta Entidade presente a fazer mover este cursor em qualquer sentido, para manifestar a sua presença... se presença havia. Um resultado evidente não se fez esperar mais que alguns segundos, e a tampa da caixa, servindo de cursor da prancheta improvisada, descreveu zig-zagues...

Imediatamente buscámos a verdadeira prancheta para, possivelmente, termos algumas explicações. De seguida tivemos a resposta:

R: - KAKI

P: - Porque não veio como nos tinha prometido, nem em 15 de Fevereiro, nem nas segundas-feiras seguintes?

R: - Mas... eu venho muitas vezes! Todos os dias!

P: - Com que fim?

R: - Para jogar o xadrez consigo.

P: - É então V. quem faz com que minha mulher me peça para jogar, tantíssimas vezes depois da sua primeira visita?

R: - Naturalmente.

P: - É então V. que faz jogar as peças de xadrez à sua vontade?

R: - Sou! É muito mais fácil para mim, que ditar os lances a jogar.

P: - Tem muita dificuldade em fazê-lo?

R: - Algumas vezes é difícil, quando ela quer seguir a sua ideia, sem ver o seguimento vantajoso do lance que eu queria que ela jogasse. "E então que o senhor a ouve dizer: "Deixá-lo! Eu jogo assim, embora seja má jogada..."", ao passo que o contrário seria o lance justo.

P: - E porque foi que o senhor não nos preveniu disso?

R: - Julguei que facilmente percebesse que tinha mudado de parceiro!

P: - Aí está uma coisa curiosa, interessante e, sobretudo, muito instrutiva para nós. Agradeço-lhe.

R: - Sou eu que agradeço. Boa noite.

E a prancheta ficou inerte.

*

Esta pequena história, cuja autenticidade eu garanto e acerca da qual fazem fé os meus apontamentos exactos e precisos, tomados na época em que ela se desenrolou, pede alguns comentários.

Para explicar um tal fenómeno, que é que podem alegar fora da hipótese que admite a sobrevivência dos defuntos, a sua acção nas *faculdades inconscientes* dos vivos, pelo menos em

certos casos particulares, enfim, a realidade incontestável das comunicações mediúnicas em geral?

1º. – O facto de na primeira sessão, aqui relatado, todos os membros do grupo, inclusive o médium, esperarem uma manifestação muito diferente da que se produziu, reduz a nada a hipótese dos anti-espiritistas, os quais imaginam que todas as manifestações deste género são produzidas pelo espírito de um dos membros do grupo (assistente ou médium) que se desdobraria e deste modo produziria uma *personalidade segunda* pela “prosopopese” ou “schizophrénia”. Esta personalidade, realmente de ordem patológica, seria – segundo eles – tomada pelos espiritistas por uma entidade estranha ao grupo.

Se assim fosse, como se explicaria ainda que, apesar do nosso vivo desejo, essa ‘personalidade’ nunca se tivesse manifestado nem entre 9 e 15 de Fevereiro, nem jamais, uma única vez desde a última manifestação em 8 de Março? E como se explicaria que desde esta última data, todas as vezes que eu, de novo, queria tentar uma partida de xadrez com minha mulher ela mostrasse não ter por tal jogo o mínimo gosto, nem que *soubesse mais nem melhor* que antes de 9 de Fevereiro? Os meus adversários alegam isto:

“Desde que esta personalidade segunda se vê descoberta, e por assim dizer psicanalisada, ela desfaz-se por si mesma e desaparece como desapareceriam para a psicanálise os sintomas mórbidos dos doentes denominados ‘esquizofrénicos’ (schizophrénicos) submetidos ao tratamento freudiano”. Eu respondo:

Esta hipótese de uma personalidade fictícia e espontaneamente formada, capaz de raciocinar, de discutir, de

sustentar grande número de partidas de xadrez com método preciso, - esta hipótese, dizia eu, é uma fantasia mais gratuitamente imaginada ainda que a de ter de se haver com um Espírito desencarnado. A vossa explicação é cem vezes mais *milagrosa* que a dos Espíritos, e não se deve procurar explicar uma coisa obscura com uma coisa ainda mais obscura.

Demais, é falso que a psicanálise faça regularmente desaparecer um “desdobramento da personalidade” se mesmo se chegasse a demonstrar (o que está longe de se ter feito) que os casos de desdobramentos observados pelos psiquiatras não são devidos à acção de uma real personalidade ou Entidade do Além.

Enfim, é infinitamente mais simples admitir como explicação do desaparecimento do meu estranho parceiro do xadrez esta hipótese: foi, sem dúvida, por surpresa que eu consegui ganhar-lhe algumas partidas a princípio, sobretudo quando o seu intermediário (minha mulher) não obedecia bem às suas inspirações. Depois, quando ele se inteirou da minha técnica especial (cada jogador tem a sua) ele ganhava-me regular e facilmente e sentiu-se nitidamente superior a mim. Ora, como não interessa jogar este jogo com um adversário demasiado inferior, não lhe agradou continuar. Muito simplesmente! Quem sabe se, depois, ele não provocou outros parceiros neste mundo ou num outro?

2º. – *Ao passar* – diz-nos KALI – *vi um jogo de xadrez.* Este facto, de aparência fortuita, pode bem ter sido volitivo e dirigido pelo invisível animador principal do nosso grupo de estudos, em vista da seriedade da nossa instrução, único fim dos nossos esforços. Não ousarei afirmá-lo, mas a hipótese é verosímil. O fenómeno teria então cessado quando a nossa convicção estivesse suficientemente assente acerca deste ponto.

3º. – Certos leitores do célebre livro de Oliver Lodge intitulado “Raymond” sentiram-se escandalizados (!) pelo facto do falecido filho de Lodge ter afirmado que assistia no Além a ‘five o’clock’ e que jogava apaixonadamente o ténis. Ouvi um dos adversários da doutrina espírita exclamar a este respeito: “*Os Espíritas vão até a profanar e desonrar a morte que é para todos nós uma coisa sagrada!*” Outros cépticos dizem ainda: “*É do pior ridículo! Querem fazer-nos acreditar que quando estivermos mortos, estaremos sujeitos a jogar o ténis ou o xadrez durante a eternidade!*”

Entre aqueles que proferem semelhante linguagem, há muitos que acreditam sinceramente em tudo o que é ensinado nos Evangelhos. Eu respeito a sua crença... mas... talvez tenham esquecido esta passagem: “*Onde estiver o vosso coração, aí estará também o vosso Espírito*”. Ora, isto parece-me significar bem claramente:

“*Depois da morte, continuareis a viver e a agir conforme os vossos gostos e as vossas aptidões.*” A experiência de Lodge e aquela que acabo de relatar não significam outra coisa. A morte é um dos mais naturais entre todos os fenómenos naturais, e sabe-se que a ‘Natureza’ não dá saltos bruscos: “*Natura non facit saltus!*”

4º. – ‘*Sinto-me exausto por virtude da manifestação de ontem à noite*’ disse-nos ainda o nosso hóspede desconhecido. De todos os factos espíritas que eu tenho observado ou de que tenho lido relatórios, ressalta nitidamente que certas manifestações fatigam mais que outras os Espíritos comunicantes, bem como os médiuns. Ora, vê-se nisto um exemplo da dificuldade que sente um Espírito em vencer a tendência pessoal do médium, sobretudo quando este não está em verdadeiro “estado de transe” ou de

hipnose, como foi o caso da nossa experiência. E como se poderia sustentar então, que é a mesma entidade vivente e encarnada quem cria, com todos os órgãos, uma outra individualidade artificial e fugaz, tão diferente de gostos, de aptidões, de tendências, etc., etc.?

Como conclusão, direi simplesmente que se me mantive muito tempo incrédulo perante os inumeráveis descritivos da literatura espírita, imaginando sempre que os seus autores podiam ter sido vítimas de ilusões, de alucinações... ou de embustes, tornou-se-me impossível perseverar no meu cepticismo depois das minhas próprias experiências, e, especialmente, depois destas curiosas partidas de xadrez, verdadeiro *match* contra X...

Mas não ficarei surpreendido nem chocado se alguns leitores deste relato se comportarem comigo como eu próprio me comortei com outros narradores de fenómenos espíritas. Não posso aconselhá-los a que façam com eu fiz, isto é, que arranjem uma documentação *absolutamente pessoal*, a única verdadeira eficaz para realizar uma convicção completa e raciocinada.

MAURICE DELARREY, Dr.

(In *Les Cahiers du Spiritisme – III* – transcrito da REVISTA DE METAPSIKOLOGIA da F.E.P., de Outubro e Novembro de 1949).

*

UM MÉDIUM CHAMADO GANDHI

Este século teve a glória de possuir entre os seus homens mais ilustres, a figura quase lendária de Mohandas Karamchand Gandhi, nascido no século anterior em Porbandar, Índia, a 2 de Outubro de 1869.

Sua vida foi extraordinária e mais extraordinária ainda a sua pureza de sentimentos, seu amor extremado à verdade, seu horror à mentira sob qualquer forma e à violência directa ou indirecta, clara ou simulada.

Desde cedo Gandhi sentiu manifestações de mediunidade e, cedendo à “pequena voz interior” que falava a seu espírito – assim ele a denominou -, tornou-se o guia de milhões de hindus e muçulmanos e a maior força espiritual do século XX. Suas ideias, perfeitamente compatíveis com as do Espiritismo, apontam-no como um dos Espíritos superiores destinados à Terra, para a grande e áspera missão de Paz. Foi ele, efectivamente, um “Mahatma” – Grande Alma -, pela sua bondade inata de sua personalidade, assim como pelo seu profundo senso de justiça verdadeira e de fraternidade geral.

Como não é nosso objectivo aqui, oferecer ao leitor largos traços biográficos de Gandhi, trataremos de expor alguns factos positivos da mediunidade desse homem notável.

Em suas confissões, disse que esteve muito longe de ser um menino modelo. Envolveu-se em complicações criadas por um mau companheiro, que ele, jovem franzino, admirava por ser robusto e audaz. Pôde, contudo, como se verá adiante, superar o

obstáculo. A “voz interior” advertia-o ou estimulava-o, de quando em quando, porque sua alma era terreno adubado e apto a acolher sementes prodigiosas lançadas pela “pequena voz interior”, que outra coisa não era senão a voz do Espírito que o assistia, lembrando-lhe, nos primeiros anos da nova encarnação, os compromissos naturalmente assumidos antes, quando ainda no mundo espiritual.

Desde pequenino, Gandhi recebia de sua mãe, Putlibai, uma orientação espiritualmente acertada, e seu pai, Kaba Gandhi, também tinha exemplos dignos de serem por ele imitados. Foi homem carinhoso, solícito e servia de conselheiro a quantos, em dificuldades, necessitavam também de uma palavra serena e adequada a cada caso. Gandhi considerava seu pai um sábio. Tinha razões ponderáveis para isso.

Putlibai, cheia de doçura, incutia nos filhos os melhores sentimentos.

- Eu tinha apenas quatro anos – relembra o Mahatma -, e já sabia repetir estas palavras que minha mãe me ensinava, fazendo repeti-las”Serei livre, serei corajoso, direi sempre a verdade! Não farei mal a quem quer que seja. Farei sempre o bem!” Assim, afirmava ela, vocês aprenderão, meus filhos, a arte de se governarem a si mesmos.

*

Muito tímido e frágil, Gandhi tinha medo dos outros meninos. Era dominado por um acanhamento invencível diante de qualquer pessoa. Foi nessa época que a sua mediunidade surgiu. E ele esclarece:

- A pequena voz interior começara a fazer-se ouvir.

Pôs-se a indagar as razões que proibiam o contacto com os párias, os ‘intocáveis’. Considerava absurda a discriminação e ouviu da “pequena voz interior” palavras de reprovação enérgica ao tratamento desigual dispensado a esses pobres seres humanos, vítimas de tremendos preconceitos.

Cada vez mais a “voz” se impunha. Na escola havia alguns ‘intocáveis’. Um dia ele aproximou-se furtivamente de um rapazinho pária, que lhe parecia o mais amável de todos, e encostou a medo o dedo em seu braço.

- Como o meu coração pulsou forte! Acreditei haver praticado um acto de bravura, pois a proibição era terrível. Sentia, porém, como se houvesse reparado uma injustiça.

Certa vez, pôs os olhos sobre um livro que seu pai deixara sobre a mesa. Folheou-o e, depois, leu-o. Sentiu imensa alegria. Era a história de Shrawana. Ela exerceu marcante influência em seu destino, daí por diante. Achava-se empolgado pelas aventuras de Shrawana, quando ouviu de novo a “pequena voz interior” manifestar-se:

- Eis aí um exemplo que deveis seguir! – murmurou ela. Eis um exemplo a seguir! Que herói! Que devotamento a seu país! Serás capaz de fazer a mesma coisa?

Mais tarde, o pai levou-o ao teatro e Gandhi viu um drama que envolvia a vida de outro herói: Harichandra

A “pequena voz interior” fez-se ouvir outra vez.

- Porque todos os seres não são também tão direitos quanto Harichandra? Porque tu mesmo não te tornas um Harichandra?

E Gandhi acrescenta, comovido pela reminiscência:

- Noite e dia a pequena voz interior insistia em fazer de mim um herói.

*

Em determinada ocasião, o menino Gandhi, dominado pelo mau amigo a quem acima referimos, furtou a um seu tio pequena quantidade de tabaco. Ficou decepcionado ao fumar, declarando-o ao amigo. Depois, entretanto, perguntou a si mesmo:

- Pobre pequena voz interior, porque não te obedeci?

Durante um dia inteiro, ouviu severas recriminações:

- Que vergonha! Que vergonha para ti, Mouhen!

- Que fazer, pequena voz? Perguntou ele – Que fazer?

Chegou com o amigo, ambos desesperados, a pensar no suicídio.

Em outra ocasião, desejando salvar o mau amigo, que contraíra um débito de vinte e cinco rupias, apossou-se de um bracelete de ouro maciço, pertencente a seu irmão. E correu a saldar a dívida. Em suas memórias, com admirável sinceridade, diz Gandhi:

- Essa acção vil exasperou a voz interior, que não mais me deixou em repouso.

- Como é que tu, que amas de tal maneira a verdade, te tornaste um ladrão? Como poderás, doravante, ver teus pais sem corar? Como poderás entregar-lhes a frente para beijar, todas as tardes? Que vergonha, que vergonha para ti!

- Que devo fazer, pequena voz, que devo fazer? – indagou aflito. Tu tens razão, eu sinto-me humilhado...

É fácil perceber-se a luta que “a pequena voz” sustentava, para evitar a queda irremediável do inexperiente garoto. Gandhi, envergonhado com esses deslizos, escreveu longa confissão e entregou-a ao pai, certo de que seria por ele amaldiçoado. Mas tal não se deu. Kaba Gandhi compreendeu que aquelas lágrimas que se despejavam dos olhos tementes do filho, eram honestas. Em vez de esmagá-lo com críticas ferinas, aconchegou-o ao peito, curando-lhe as chagas da alma com bálsamo do amor, dando-lhe o estímulo de que precisava para tornar fecundo o arrependimento. Seu pranto caíra sobre a carta do filho amado. – Depois disso, confessou Gandhi, certifiquei-me de que o amor é arma mais possante do que a cólera. Isso, jamais eu esqueci...

Poderíamos ir mais longe, demonstrando a acção benéfica da “pequena voz interior”, do Espírito amigo que acompanhava os passos daquele que seria, em futuro não muito remoto, p símbolo da Paz, do Amor e da Fraternidade, pregando, com riscos da própria vida, a ‘Doutrina da ao violência’, que não é doutrina banal, mas um compromisso sério e difícil, que exige imenso sacrifício, excepcional coragem e fibra fora do comum.

- A pequena voz interior havia vencido – concluiu Gandhi – e restituiu-me a paz de que tanto necessitava.

(REFORMADOR – MAIO DE 1962).

(In: Revista Portuguesa ESTUDOS PSIQUICOS, Agosto/Setembro de 1978).

*

MAUS OBREIROS

“Guardai-vos dos maus obreiros.” – PAULO –
- (Filipenses, 3:2).

Paulo de Tarso não recomenda sem razão o cuidado a observar-se, ante o assédio dos maus obreiros.

Em todas as actividades do bem, o trabalhador sincero necessita preservar-se contra o veneno que procede do servidor infiel.

Enquanto os servos leais se desvelam, dedicados, nas obrigações que lhes são deferidas, os maus obreiros procuram o repouso indébito, conclamando companheiros à deserção e à revolta. Ao invés de cooperarem, atendendo aos compromissos assumidos, entregam-se à crítica jocosa ou áspera, menosprezando os colegas de luta. Estimam as apreciações desencorajadoras.

Fixam-se nos ângulos ainda inseguros da obra em execução, despreocupados das realizações já feitas.

Manuseiam textos legais a fim de observarem como farão valer direitos com esquecimento de deveres.

Ouvem as palavras alheias com religiosa atenção para extraírem os conceitos verbais menos felizes, de modo a estabelecerem perturbações.

Chamam covardes aos cooperadores humildes e bajuladores aos eficientes ou compreensivos.

Destacam os defeitos de todas as pessoas, excepto os que lhes são peculiares.

Alinham frases brilhantes e complacentes, ensopando-as em óleo de perversidades ocultas.

Semeiam a dúvida, a desconfiança e o dissídio, quando percebem que o êxito vem próximo.

Espalham suspeitas e calúnias, entre os que organizam e os que executam.

Fazem-se advogados para serem acusadores.

Vestem-se à maneira de ovelhas, dissimulando as feições de lobos.

Costumam lamentar-se por vítimas para serem verdugos mais completos.

“Guardai-vos dos maus obreiros”.

O conselho do apóstolo dos gentios permanece cheio de oportunidade e significação.

EMMANUEL

(In: VINHA DE LUZ, Emmanuel. F. Cândido Xavier, ed. FEB, cap. 74).

*

